

**EM TORNO DE UMA REFEITURA LIBERAL DO MITEMA  
BANDEIRANTE: PIERRE MONBEIG E AS FRENTES  
PIONEIRAS NOS ANOS 30 E 40**

José Henrique Rollo Gonçalves\*

(*pra Marivânia*)

**RESUMO**

Discute-se como o geógrafo francês Pierre Monbeig elaborou a temática da *psicologia bandeirante*, por ele considerada um componente fundamental da formação das zonas de colonização paulistas e paranaenses, nos anos 30 e 40. Tratou-se de um momento singular no contexto das numerosas apropriações da figura dos bandeirantes feitas durante aquele período. Isto porque, longe de endossar a-criticamente a construção daquele personagem pelos intelectuais estadonovistas, Monbeig retomou-o a partir de uma ótica anti-autoritária e individualista.

**Palavras-chave:** Pierre Monbeig; Geografia Humana; Bandeirantes; Colonização; Pioneiros; Mentalidades.

**Preliminares**

No início dos anos 70, começaram a circular estudos que, invertendo os enfoques tradicionais das figuras dos bandeirantes, interrogavam a fundo os usos e abusos daqueles personagens pelos

---

\*. Professor de História da América e pesquisador do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá.  
E-mail: rollo@cybertelecom.com.br

fabricantes de ideologias político-historiográficas.<sup>1</sup> Vivia-se, então, o auge da ditadura militar implantada em 1964. Os governantes, pelo menos em seus pronunciamentos, estavam empenhados em abrir áreas de colonização em várias partes da Amazônia e do Centro-Oeste. Eles alegavam que tais processos eram vitais tanto para o acesso de multidões de trabalhadores doutras regiões à posse da terra, quanto para a ocupação de espaços geopoliticamente estratégicos.<sup>2</sup> Naquele contexto, antigos temas mobilizadores de migrantes, como o *caráter exemplar da saga dos bandeirantes* ou a *Marcha para o Oeste*, foram recuperados e re-semantizados pelos publicitários do regime. Visando, dentre outras coisas, denunciar as manobras semânticas de um Estado Autoritário em busca de legitimação, antropólogos como Neide Esterci e Otavio Velho, desmontaram construções historiográficas que, desde o Estado Novo, associavam o comportamento dos bandeirantes com as atitudes dos governantes que promoviam políticas de colonização e com as ações dos migrantes que se deslocavam para as fronteiras de recursos.<sup>3</sup> Tendo sido um dos mais influentes e aguerridos divulgadores de (falsas) identificações daquele gênero, Cassiano Ricardo tornou-se o alvo preferido de quem se dispunha a analisar as apropriações autoritárias do passado.<sup>4</sup>

O crescimento do interesse dos historiadores pelo Estado Novo, a partir de finais dos anos 70, ampliou consideravelmente o conhecimento de seus mecanismos simbólicos de legitimação e afirmação da

---

<sup>1</sup>. Uma compilação bastante útil de pedaços de livros e de documentos coloniais, que pode ser encarada como o acabamento do enfoque tradicional sobre a questão das bandeiras e seus agentes, foi feita por MORSE, Richard M. (ed). **The Bandeirantes - The Historical Role of the Brazilian Pathfinders**. Nova York: Alfred Knopf-Borzoi Books, 1965. Uma atualização daquele enfoque foi empreendida por GOES FILHO, Synesio Sampaio. *Navegantes, bandeirantes*. **Humanidades**. Brasília: 2(7), abril-junho de 1984, p.115-139.

<sup>2</sup> Leia-se a atualizada súmula de BECKER, Bertha K. & EGLER, Claudio A.G.. **Brasil: Uma Nova Potência Regional na Economia-Mundo**. Rio: Editora Bertrand Brasil, 1993, p.149 e ss

<sup>3</sup>. ESTERCI, Neide. **O Mito da Democracia no País das Bandeiras**. Dissertação de Mestrado. Rio: UFRJ-Museu Nacional/PPGAS, 1972 e VELHO, Otavio Guilherme. **Capitalismo Autoritário e Campesinato: Um Estudo Comparativo a Partir da Fronteira em Movimento**. São Paulo: DIFEL, 1976.

<sup>4</sup>. Cf. RICARDO, Cassiano. **Marcha para Oeste: A Influência da Bandeira na Formação Social e Política do Brasil**. Rio: Livraria José Olympio Editora, 1940. Mas é sempre interessante lembrar que o bandeirante já tinha sido tema de um belo poema de Ricardo, o **Martim Cererê**, publicado em 1928. Ver, ainda, *O Estado Novo e o seu sentido bandeirante*, **Ciência Política**,1(1), março de 1941, e **Pequeno Ensaio de Bandeirologia**. Rio: MEC, 1956 (Col. Cadernos de Cultura).

autoridade.<sup>5</sup> Mas a centralidade conferida aos discursos territorializantes continuou intacta e, em muitos aspectos, determinante de uma compreensão mais adequada dos eventos.<sup>6</sup> No entanto, a tematização do Estado Novo em uma conjuntura ainda definida pelos rumos da ditadura militar, não escapou de constrangimentos de diversas ordens que, como é natural, somente há pouco tempo foi possível perceber em detalhes. Um desses condicionantes imediatos foi a influência exercida sobre os pesquisadores por modelos teóricos que valorizavam o caráter eminentemente interventor do Estado Nacional brasileiro em todas as épocas. De fato, tanto analistas das tendências do desenvolvimento econômico quanto autores que se dedicaram ao estudo dos sistemas político-institucionais fizeram do Estado uma espécie de demiurgo. Ele teria sido o criador da nacionalidade, o propulsor do crescimento industrial, o inventor e gerente da esfera pública. Além do mais, foi comum exacerbar o entendimento do Estado quer como uma entidade monolítica que funcionava como máquina de pura opressão, quer como um catalisador dos conflitos entre as classes (mas, raramente, entre frações de classes). No que se refere aos símbolos e ideologias políticos, a tendência foi mais ou menos a mesma. Os pesquisadores optaram, em sua maioria, por um caminho de interpretação que acentuava as potências manipuladoras da elite dirigente. Assim, as contradições entre as frações da classe dominante, trabalhadas em planos discursivos ou icônicos, foram, quase sempre, negligenciadas.

Ocorre que um tratamento criterioso dos usos da figura do bandeirante, por menores que sejam suas ambições, precisa atentar para o fato de que sua re-semantização pelos intelectuais estadonovistas foi uma forma de expropriação, de subtração de um símbolo de seus donos tradicionais: os oligarcas paulistas. A operação de abasileiramento do bandeirante não foi tranqüila, sem resistências. Ela feriu toda uma tradição regionalista que, através de escritores como Alfredo Ellis Junior, Affonso Taunay e outros menos votados, opunha um *ethos* dinamizador da locomotiva paulista à um *ethos* arcaizante que predominaria nos demais cantos do país.<sup>7</sup> Mais ainda: se o bandeirante ancestral do

---

<sup>5</sup>. Veja-se, para um balanço ainda válido, LENHARO, Alcir. *Estado Novo, Estado Velho - novas direções historiográficas*. **Anais do Museu Paulista**, Tomo XXXV, 1986-1987, p.7-14

<sup>6</sup>. Cf. LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Editora Papirus/Editora da UNICAMP, 1986

<sup>7</sup>. Para um balanço recente dos momentos mais importantes da historiografia bairrista dos paulistas consulte-se o admirabilíssimo estudo de QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de.

autoritarismo sobreviveu ao Estado Novo, seja como positividade, dada a difusão dos textos de Cassiano Ricardo e seus epígonos, seja como negatividade, como na obra de Vianna Moog<sup>8</sup>, sua contrapartida liberal, o indivíduo dotado de atributos empresariais que constrói um mundo à revelia do Estado, não desapareceu nem minimizou-se. Ele foi entronizado nos relatos acerca dos homens que estavam abrindo as franjas pioneiras organizadas por empresas particulares, no Norte do Paraná e no Extremo-Oeste de São Paulo. Em suma, o ícone bandeirante, ao contrário do que uma historiografia angustiada diante da imensidão totalizadora do Estado Autoritário deu a entender, foi, nos anos 40 e 50, antes de mais nada um objeto de disputa - por suposto, desigual - entre produtores diferencialmente motivados de ideologias político-historiográficas.

Nos termos da nomenclatura proposta por Pierre Bourdieu, os bandeirantes foram colocados no centro de uma *luta de classificações*. Tratava-se de uma batalha entre intelectuais - *frações dominadas da classe dominante* - pelo controle dos significados legítimos conferidos às suas figurações.<sup>9</sup> Desta forma, para desenvolver em fala empírica estas ponderações, proponho a seguir uma breve passagem de olhos nos modos como o geógrafo francês Pierre Monbeig trabalhou uma figuração tipicamente liberal do bandeirante. A hipótese inicial é simples: apesar de ser estrangeiro, seus 14 anos de intensa convivência com o ambiente intelectual paulista ter-lhe-íam permitido re-codificar, através do vocabulário da geografia regional de seu tempo, uma série de interpretações acerca do passado brasileiro que circulavam pela imprensa e pelas conversas entre seus pares. Parto do suposto de que seus proferimentos traduziam lugares-comuns que funcionavam como unidades sêmicas de elevada valência factual nas ideologias político-historiográficas correntes em São Paulo, nos anos 30 e 40.

---

*Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário. Revista USP*, (13), março-maio de 1992, p.78-87.

<sup>8</sup>. MOOG, Clodomir Vianna. **Bandeirantes e Pioneiros: Paralelo Entre Duas Culturas**. 12 ed. Rio: Editora Civilização Brasileira, 1978.

<sup>9</sup>. Extraí a frase de efeito de BOURDIEU, Pierre. *Como liberar os intelectuais livres?* in \_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio: Editora Marco Zero, 1983, p.54. Para uma caracterização breve da análise bourdieuriana das lutas de classificações, leia-se ORTIZ, Renato. *A procura de uma sociologia da prática* in \_\_\_\_\_. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1983, p.7-29 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

### Pierre Monbeig e o lugar das *mentalidades* na Geografia.

Em sua tese de doutoramento, publicada nos anos 50 - mas escrita na década anterior, Pierre Monbeig trabalhou com dois registros epistemológicos bastante distintos e de difícil (mas não impossível) conciliação. Por um lado, ele operou com os conceitos funcionalistas que estavam entrando em voga naqueles anos. Por outro, reproduziu construções históricas que, decorrentes de sua adesão a-crítica ao acervo de idealizações épicas das elites intelectuais paulistas, terminaram por beirar as fronteiras dos discursos mitológicos. Neste sentido, seu estudo é deveras representativo de uma das várias formas de recriação - no contexto de uma construção técnico-científica da figura do *pioneiro* - daquilo que, na falta de um termo mais exato, pode-se chamar de *mitema* bandeirante.<sup>10</sup> Não se trata, portanto, de procurar, anacronicamente, fazer correções críticas de conteúdo ao texto. Meu foco de análise concentra-se apenas no modo como o *mitema* foi retomado, de forma que não estou preocupado com a veracidade fáctica do que foi dito.<sup>11</sup>

Tenho várias razões para considerar este texto efetivamente representativo. Para começar, Monbeig escreveu uma dissertação universitária onde forçosamente buscou obedecer a certos cânones de objetividade expressiva. Seu trabalho está todo ele atravessado pela crença numa cientificidade intrínseca ao discurso geográfico, o que o obriga a demonstrar empiricamente, a todo momento, seus proferimentos teóricos. Aduza-se que a cientificidade preconizada fundamenta-se numa outra crença profissional: o valor dos estudos regionais no âmbito da

---

<sup>10</sup>. MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. Tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Polis, 1984.

<sup>11</sup>. Utilizo o termo *mitema*, contrabandeando-o da antropologia estrutural, para designar a matéria-prima com a qual se fabrica um discurso mitológico ou fabulizador. Trata-se de um uso, por assim dizer, neutro, uma vez que não me interessa julgar o valor dos mitemas na produção da memória. Todavia, quero notar desde já que o uso da expressão em tela não me compromete com uma concepção do pioneiro enquanto mito, tampouco com um entendimento da obra de Monbeig como uma fábrica de mitologias. Reconheço, contudo, que é bastante sedutora a idéia de ver daquele jeito a figura do bandeirante, algo como uma variante brasileira de um constructo arquetípico: o desbravador americano, tal como o fez, num certo sentido, o próprio Pierre Monbeig.

geografia humana, algo particularmente caro aos franceses de seu tempo de estudante. Além do mais, trata-se de um livro extremamente influente entre os geógrafos e historiadores brasileiros, e tido, ainda em nossos dias, como verdadeiro modelo de obra científica de alto nível. Desde que foi publicado na França, em 1952, é raro não encontrá-lo como referência decisiva na bibliografia sobre frentes pioneiras e políticas de colonização no território brasileiro.

Noutro registro, sua representatividade aparece bem definida pelo modo como se apropriou da figura do bandeirante para dar fundamentos a certas considerações a respeito de possíveis traços psíquicos que sedimentariam o comportamento de amplas frações da população brasileira. Ele essencializou e reificou um *ethos* bandeirante, sem romper com os termos da questão tais como foram colocados, sobretudo, por Cassiano Ricardo. E, seguiu este caminho para operar uma reconstrução do passado - tomando a longevidade de determinados mitemas no discurso das elites como dados adquiridos, fatos de veracidade inquestionável. Outro argumento pela representatividade é o fato de que ele expressou uma avaliação afirmativa do mitema bandeirante por acreditar que alguns de seus traços estavam incrustados nas pautas de conduta dos brasileiros. Monbeig, um francês que usufruiu da generosidade liberal-aristocrática da grande burguesia paulistana, segregou em seu texto muitos traços da cultura política das elites locais, o que permite que se afira o grau de sedução das crenças e opiniões daquele grupo sobre supostos atributos mentais dos brasileiros. Por fim, ele entendeu o bandeirante menos como um personagem de carne e osso do que como elemento simbólico, apesar de estar convencido de que existia um solo factual que assegurava a veracidade da conversão simbólica daquele ator social. Daí ter-se concentrado nos efeitos psíquicos que sua perenidade ocasionaria no seio das mentalidades coletivas.

Nos anos de sua formação acadêmica, durante as décadas de 20 e 30, Monbeig travou contatos muito íntimos com alguns debates doutrinários e metodológicos referentes ao lugar ocupado pelas então chamadas psicologias coletivas nos quadros das explicações geográficas. Além disso, Albert Demangeon, professor de grande prestígio, seu primeiro orientador de tese e uma influência intelectual largamente venerada por ele, expressou em algumas de suas obras fortes preocupações com os elementos psicológicos que atuam no processo de

interação entre homens e meio-ambiente.<sup>12</sup> Comentando o assunto, Paul Claval referiu-se àquele período nos seguintes termos:

(...) para a maioria dos geógrafos franceses e, segundo os pontos de vista conformes à doutrina de Demangeon, considera-se as disposições psicológicas, os fatos de percepção e de representação sob a condição de que sejam coletivos; têm-se a certeza, assim, de ficar num terreno sólido se os tomamos de testemunho objetivamente mensuráveis e cartografáveis, que são as denominações, as obrigações de fidelidade aceitas ou recusadas, as formas de pertencer claramente manifestadas pelo conjunto de uma população.<sup>13</sup>

Por outro lado, aqueles eram os anos em que alguns pesquisadores voltados para o estudo histórico-sociológico de padrões de percepção e de memória, como Maurice Halbwachs e Charles Blondel estavam usufruindo de amplo reconhecimento nos meios universitários.<sup>14</sup> Era o ápice do controle acadêmico mantido pelos durkheimianos. Herdeiros de uma linhagem que valorizava a investigação das *representações coletivas*, eles exerciam enorme fascínio sobre os investigadores que procuravam enfoques totalizantes, onde todos os planos das experiências sociais eram tidos como significativos e, portanto, deviam ser equilibradamente contemplados. E este era justamente o caso da geografia que, pretendendo romper com a velha tradição corográfica, lançava-se à aventura da conceitualização e do aperfeiçoamento de modelos explicativos.<sup>15</sup>

Em um de seus estudos teóricos publicados nos anos 50, Monbeig referiu-se às dificuldades de um tratamento geográfico das mentalidades. Demonstrando profundo conhecimento da literatura

<sup>12</sup>. MONBEIG, Pierre. *Op.cit*, p.17-18

<sup>13</sup>. CLAVAL, Paul. *A geografia e a percepção do espaço*. **Revista Brasileira de Geografia**. 45(2), abril-junho de 1983, p.245

<sup>14</sup>. Para observações mais específicas, DUVIGNAUD, Jean. *Prefácio in HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990, p.9-17 e BLONDEL, Charles. **Introdução à Psicologia Coletiva**. Tradução de Frederico Lourenço Gomes. Rio: Editora Fundo de Cultura, 1960.

<sup>15</sup>. Cf., para enfoques gerais dos processos de transição de paradigmas corográficos para paradigmas analíticos, QUAINI, Massimo. **A Construção da Geografia Humana**. Tradução de Liliana Langaná Fernandes. Rio: Editora Paz e Terra, 1983 e, sobretudo, SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: Editora Hucitec/EDUSP, 1978. Quanto às influências exercidas pelos cientistas sociais sobre a geografia francesa, leia-se as longas ponderações de GEORGE, Pierre. **Sociologie et Géographie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.

metodológica e dos textos exemplares que circulavam entre os sociólogos e os historiadores, ele estimou, num primeiro momento, que *os geógrafos não se acham preparados para o estudo das mentalidades. Eles sabem disso e recusam-se a experiências audaciosas*. E, ainda, que *uma das melhores justificativas para essa prudência incomum encontra-se no temor da má literatura, terreno para onde poderia descambar uma geografia das mentalidades*. Todavia, como se verá logo a seguir, é difícil não ver audácia nas suas caracterizações das psicologias coletivas dos pioneiros brasileiros. Sabendo disso, ele ponderou, com espantosa concisão analítica, que

Não se cogita de proclamar a primazia da mentalidade e conceder-lhe a **priori** uma espécie de preeminência na explicação geográfica. Reabrir o debate entre o ovo e a galinha a propósito das estruturas econômicas e das superestruturas mentais não nos levaria a nenhum resultado; mas desmontar o mecanismo que as reúne e investigar suas origens e conseqüências geográficas seria frutuoso. O que se pretende é que sejam associados mais freqüentemente o estudo dos modos de pensar e os dos gêneros de vida.<sup>16</sup>

Suas remissões, ainda aqui, são os comentários metodológicos de Lucien Febvre que, talvez por lhe parecerem inteiramente conhecidos e aclimatados, ele nem cuidou de referenciar bibliograficamente. Em particular, Monbeig lembrou-se de atentar para um dos temas favoritos do grande historiador: os riscos, sempre insidiosos, do anacronismo. Assim, partindo de uma observação de Roger Caillois (que lhe pareceu por demais impressionista) sobre *como o jogo representa um papel considerável na economia latino-americana*, ele aduziu:

Pode-se atribuir às estruturas econômicas a virulência desta mentalidade de jogador que não aparece como um fator geográfico decisivo, e é apenas invocada rapidamente, como se fora um pormenor pitoresco e exótico. A percepção de um modo de pensar radicalmente diferente do nosso exige, se não uma certa convivência, pelo menos um sério esforço

---

<sup>16</sup>. MONBEIG, Pierre. *Os modos de pensar na geografia humana in \_\_\_\_\_*. **Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1957, p.29-30. Comentários sobre os tratamentos de questões típicas dos sociólogos pelo mestre francês da geografia aparecem em QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Pierre Monbeig e a pesquisa geográfica no Brasil: atualidade de sua contribuição*. **Ciência & Cultura**. Rio: 40(12), dezembro de 1988, p.1180-1185



da parte do pesquisador. Se este o esquece, cometerá um pecado que, para ser situado no espaço, deverá ser comparado no mínimo aos pecados do anacronismo, de que fala Lucien Febvre.<sup>17</sup>

A atualidade dos termos de Monbeig incomoda. Não sei em que medida suas *boutades* perseguiram efeitos retóricos um tanto o quanto vaidosos. Mas seu entendimento de uma polêmica que, para certos setores intelectuais brasileiros estava na ordem do dia, como a questão das causalidades infra ou super-estruturais, denotava uma segurança epistemológica invejável. Debochando dos reducionismos de todos os matizes - e aqueles eram os anos brabos de Guerra Fria, onde cada lado do *front* intelectual se esmerava em fabricar pílulas epistemológicas de efeito imediato, ele arrematou suas ponderações com uma plataforma teórica de irrecusável atualidade:

Torna-se necessário que o homem seja verdadeiramente considerado como outra coisa além de uma casa, de um trator ou de uma estatística. Se o homem, o homem em sociedade, constitui o centro da Geografia Humana, deve aparecer de maneira total, com seus modos de vida e com seus modos de pensar, que afinal se confundem. A limitada tarefa dos geógrafos deve consistir em explicar a parte dos fatores geográficos na formação e na evolução dos modos de pensar, e das influências que eles exercem sobre os modos de vida e o peso que estes representam, sobre aqueles.<sup>18</sup>

Não é o caso aqui de fazer um estudo circunstanciado de suas obras. Para os fins de minha argumentação é preciso apenas fixar dois pontos: [a] os trabalhos de Monbeig eram rigorosamente científicos de acordo com os padrões epistemológicos dominantes em seu tempo; [b] os juízos de valor que abraçavam jamais chegaram a comprometer os efeitos reais de conhecimento da totalidade de seus enunciados. Desta forma, ao transformar um texto científico em documento-objeto, estou procurando preservar os núcleos de verdade que ele contém. Que lugar específico ocupa o bandeirante na estratégia expositiva de Pierre Monbeig? Como se opera a recriação daquele mitema? Uma vez reproduzido, que efeitos de desqualificação o bandeirante mitológico produz sobre sua sincera intenção científica? Estas perguntas muito simples permitem que o tema

---

<sup>17</sup>. MONBEIG, Pierre. *Op. cit.*, p.31

<sup>18</sup>. *Idem, ibidem*, p.31-32.

seja finalmente aflorado. Vou começar fazendo algumas citações e paráfrases. Depois tentarei responder às questões postas acima.

### ***A psicologia bandeirante segundo Pierre Monbeig***

Há um mini-capítulo no livro onde ele procurou estabelecer o significado e as origens do que chamou de *psicologia bandeirante*. Nele reside o essencial de sua falação. Começa estabelecendo suas amarras no passado:

Desde o fim do século XVIII, haviam os paulistas renunciado às expedições para o sertão. Delas, porém, tinham conservado a lembrança e o pendor. Ainda hoje provoca entusiasmo a narrativa desses empreendimentos audazes.<sup>19</sup>

Aqui aparece com nitidez a função paradigmática do bandeirante no discurso de Monbeig. Permanência psíquica coletiva que sobrevoa a materialidade crua da história em seu dia-a-dia. O geógrafo conferia valor de verdade à uma certa memória dos feitos bandeirantes e, ao falar de *pendor*, tornou desnecessária a reconstituição dos liames que teriam assegurado concretamente a perenidade daquelas *lembranças*. Há um *ethos*, e basta. É fácil verificar que Monbeig aceitou os valores repassados pela historiografia tradicional paulista que, é bom que se diga, era praticamente a única fonte disponível naquele momento. Por isso, em seu trabalho ficou definido que o bandeirante, elemento simbólico, fazia parte do fabulário cotidiano dos brasileiros:

Num país cujo passado é curto, fica-se apaixonadamente preso ao que ele pode ter de prestigioso. Sendo um dos mais assombrosos da jovem história brasileira, o episódio das bandeiras impressiona muito as crianças. Ao aprender a ler, aprende o brasileiro a história dos bandeirantes.<sup>20</sup>

Dois registros se destacam nesta observação. Um deles remete para a valorização intrínseca da memória dos povos. Monbeig não falava de recordações socialmente diferenciadas, mas de uma história unificada que comporta os brasileiros em geral. Em momento algum ele se interrogou sobre a presença eventual de memórias contraditórias e

---

<sup>19</sup>. MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. Tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Polis, 1984, p.121.

<sup>20</sup>. MONBEIG, Pierre. *Op. cit.*, p.121

estratificadas mesmo em termos de uma escala reduzida, como nas áreas de frentes pioneiras. Aqui encontram-se muito nitidamente alguns dos limites cognitivos da tradição de pensamento geográfico relacionada com Vidal de la Blanche, Jean Brunhes e Lucien Febvre, mestres evidentes de Pierre Monbeig: a coisificação do *gênero humano* como essência que se manifesta através de entidades como *Nação, Região, Civilização* e assim por diante. Anula-se, nesta via, as diferenças socialmente construídas. Busca-se identidades, experiências coletivas indiscriminadas, processos capazes de permitir a singularização de uma pequenina e mapeável humanidade nacional.<sup>21</sup>

Por sinal, a palavra civilização merece considerações mais extensas. Tão caprichosamente cultivada pelos intelectuais franceses do entre-guerras, tornou-se um termo central nos estudos geográficos que pretendiam elucidar as dinâmicas vorazes das frentes pioneiras. Monbeig definiu-a certa vez como sendo (...) *o conjunto de suas técnicas e de sua cultura espiritual [através dos quais] uma sociedade de homens entra em contato com o meio físico*. Este meio, por mais que o professor francês o associasse às ações humanas, terminava sempre por denotar um substrato intangível em suas essências. Tanto que ele, em idioma publicitário, observou eufórico, na mesma ocasião, que

É nisto que reside um dos principais atrativos da geografia humana: procurar ver como civilizações distintas, ou uma mesma civilização tomada em diferentes momentos históricos de sua evolução, utilizam os dados impassíveis do meio natural.<sup>22</sup>

Ora, vinda de um pesquisador que se sentia seduzido pelas frentes de colonização, com seu formigamento, com seu frêmito de mudanças ambientais radicais e irreversíveis, soa muito decepcionante tamanha aceitação conformista de um meio dotado de *dados impassíveis*. Ele não considerava nem a possibilidade de pensar o meio natural em permanente e indissolúvel interação com os agrupamentos sociais nem, tampouco, que o espaço não permanece intacto depois de reordenado pelos homens. Daí, também, um certo paradoxo se fazer presente quando ele disse que *não há geografia sem história, tanto quanto não há verdadeira história*

---

<sup>21</sup>. Para uma avaliação geral, embora indireta, leia-se LACOSTE, Yves. *Braudel geógrafo in \_\_\_\_\_* (coord). **Ler Braudel**. Tradução de Beatriz Sidou. Campinas: Editora Papirus, 1989, p.175-220.

<sup>22</sup>. MONBEIG, Pierre. *Algumas notas de geografia humana*. **Boletim Geográfico**, 8(85), abril de 1950, p.66.

*sem geografia* ou, ainda, quando sustentou um *prius* epistemológico generalizante como o seguinte:

A interpretação [sic!] da história e da geografia é, pois, geral e constante, uma pesquisa de geografia humana não tendo senão um resultado incompleto e um valor científico limitado se aquele que a realiza não tem, além do espírito geográfico, uma mentalidade histórica.<sup>23</sup>

O primado ontológico que fundamentava a determinação das interações entre grupos humanos e meio natural encaminhava a pesquisa de Monbeig para uma hipostasiação da unidade, para o apagamento das diferentes estratégias e interesses que animam os indivíduos em suas produções permanentes de novas espacialidades. Deste modo, em poucos momentos suas concepções mais amplas acerca do que deviam cuidar de estudar os geógrafos ficaram tão esclarecidas quanto na seguinte passagem:

Volta-se infalivelmente à clássica afirmação de Vidal de La Blanche: tudo quanto se refere ao homem é contingente. Mas não se trata do homem em si, abstração ôca, ou mero elemento da classificação zoológica: é o grupo humano que se debate com as condições naturais. Ora, este grupo evolui sem cessar, é um perpétuo vir a ser. E assim como trazemos em nossa mentalidade e em nossos costumes os legados de nossos antepassados, assim como não podemos verdadeiramente compreender o estado presente de uma sociedade humana sem conhecer seus estados passados, assim também não podemos colher todo o sentido das relações entre esta sociedade atual e o meio geográfico em que ela vive, se ignorarmos o que foram essas relações no passado.<sup>24</sup>

Parece estranho, digo uma vez mais, que alguém que investigava justamente áreas onde a interpenetração entre homens e ambiente assumia feições de espetáculo tivesse deixado de considerar a possibilidade de que

---

<sup>23</sup>. MONBEIG, Pierre. *Estudos geográficos*. **Boletim Geográfico**, 1(11), fevereiro de 1944, p.10

<sup>24</sup>. MONBEIG, Pierre. *Algumas notas de geografia humana*. **Boletim Geográfico**, 8(85), abril de 1950, p. 66.

o espaço não é uma entidade perene, uma substância que antecede toda e qualquer existência social. Seja como for, acredito que é possível fazer do meu estranhamento o móvel de uma hipótese. A saber: o idioma falado pelos geógrafos regionais franceses de linhagem vidaliana permitia-lhes conferir largo espaço de autonomia ontológica e causal aos elementos do meio natural de maneira que, assim agindo, asseguravam um lugar próprio ao saber geográfico. Do contrário, fariam sociologia ou etnografia, fariam até mesmo história, mas nunca geografia. Acontece que afirmar a especificidade deste último campo de saber era, naquele momento, uma das obstinações mais recônditas dos descendentes de Vidal de La Blanche. Diante disso, minha opinião (que, daqui por diante, tento demonstrar) é que a formatação conceptual das pesquisas regionais talvez tenha sido um dos mais profundos obstáculos cognitivos enfrentados por aqueles investigadores e seus alunos e seguidores.

Personagens unificadores como os bandeirantes, enevoados por uma aura mítica, exemplificavam com grande felicidade aquele *grupo humano* em pleno desempenho de uma (pseudo-) concretude histórica que a epistemologia possibilista<sup>25</sup> imaginava desvendar. É certo que a literatura didática e para-didática infantil e juvenil consumida naqueles anos de vivência no Brasil de Pierre Monbeig, fazia do bandeirante um verdadeiro guia para a descoberta triunfalista do passado nacional. Que se pense nos livrinhos de Olavo Bilac e Raimundo Correia, que tanto atuaram na alfabetização das crianças das camadas médias e, eventualmente, proletárias. Naquele *Brasil para as crianças*, que Regina Zilberman e Marisa Lajolo analisaram com tanta acuidade, poucos heróis estavam tão disponíveis para a edificação de um fabulário da brasilidade.<sup>26</sup>

O bandeirante, neste particular, era profundamente condensador. Ele não representava uma categoria social específica, cujos interesses

---

<sup>25</sup>. A expressão *possibilista* indica *grosso modo* a célebre corrente da geografia humana francesa construída ao redor de um sobrenome-monumento, Vidal de La Blache. O meio mais cômodo de se alcançar uma visão geral daquela tendência continua sendo, a meu ver, o livro de CLAVAL, Paul. **Evolución de la Geografía Humana**. Tradução de Alexandre Ferrer. Barcelona: Editorial Oikos-Tau, 1974. Quem desconfiar demais dos excessos bairristas de Claval pode contrabalançá-los, também de modo sintético, com as páginas mais cáusticas de CLOKE, Paul, PHILO, Chris & SADLER, David. **Approaching Human Geography: An Introduction to Contemporary Theoretical Debates**. Londres: Paul Chapman Publishing, 1991, esp. p.7-8; 63-65 e 176.

<sup>26</sup>. ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil Para Crianças**. São Paulo: Editora Global, 1985. Ver, também, LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira - História e Histórias**. São Paulo: Editora Ática, 1982.

próprios pudessem ser facilmente identificados. Sua natureza fluida permitia que, a princípio, qualquer grupo social pudesse ser absorvido em suas entranhas. Desgarrado de vinculações fixas com alguma forma imediatamente identificável de atividade sedentarizante, o bandeirante irradiava um amplo espectro de empatias possíveis. Em suma: era pau para qualquer obra de edificação do *homo brasiliensis*. Mas na tática demonstrativa de Monbeig, as narrativas sobre o passado assumiam papel de fontes de recordação, cuja positividade efetuava-se pela capacidade de gerar um consenso instrumental:

Não que se ignore, nem mesmo que se esconda o que houve de brutal no comportamento dos bandeirantes, nem a sede de lucro que os animava. Mas que episódio de história gloriosa, em não importa que país, deixará de estar manchado por algum crime? Eis o que de bom grado se recorda.<sup>27</sup>

Quando li esta passagem pela primeira vez, pensei na resignação típica do discurso liberal. Sua tendência para a neutralização moral do passado. Claro que Monbeig estava, dentre outras coisas, falando para os intelectuais franceses que julgaram sua dissertação. Lá, como aqui, o descaramento positivista era então predominante. Não havia porque lamentar o leite derramado, tampouco o sangue. A meu ver aqui coincidiam dois dispositivos pragmáticos: [a] a idéia de que não se deve avaliar o passado [dá uma certa caução para] [b] a idéia de que não se deve julgar a moralidade do fabulário bandeirante que, ainda hoje (décadas de 40 e 50) empolga as atitudes conquistadoras:

A intrepidez desses pioneiros de extensa linhagem, sua ousadia de aventurar-se tão longe, com tão escassos meios, no imenso Brasil, exercem forte atrativo sobre as crianças e os adolescentes para que se condoam dos morticínios de índios e se indignem com tal esbanjamento de energia para conquistar ouro.<sup>28</sup>

Evidentemente, aquelas crianças eram generalizações. Eram, pelo menos, as que freqüentavam escolas. Por isso, Monbeig enfatizou o papel simbólico que a figura do bandeirante representaria nas mentalidades coletivas. Tratava-se de uma inoculação educacional que jamais seria problematizada, porque absolutamente aceita como verídica e que, por

---

<sup>27</sup>. MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. Tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Polis, 1984, p.121.

<sup>28</sup>. *Idem, ibidem*, p.121.

isso, chegou ao ponto de adquirir vida própria. Vendo continuidade entre os valores transmitidos no âmbito da cultura letrada (que, naquela ocasião, não era tão ampla como ele deu a entender) e os elementos perenes das simbologias coletivas, o geógrafo francês pode, enfim, estabelecer a função do bandeirante na esfera real, descrevendo-a com toda neutralidade que o sonho técnico-cientificista lhe permitia imaginar. Ele concluiu que a densidade de suas figurações tornou-se um

Fato extremamente importante, pois que se criou um mito do bandeirante, cuja eficácia psicológica é incontestável.<sup>29</sup>

Monbeig em momento algum sugeriu que houve qualquer intenção deliberada de se construir aquele mito. Entendeu-o com naturalidade. O resultado esperado de décadas de recordações reativadas nas conversas familiares, nas escolas e na imprensa. Por isso, mesmo acertando na observação de que o bandeirante é figura mítica, não conseguia diferenciar o mito de primeira ordem - que certamente não se lhe afigurava como tal, mas como realidade empírica inquestionável; do mito de segunda ordem - que é justamente aquele que lhe parece ter profunda eficácia na articulação de traços psíquicos coletivos. Afinal,

Diz-se tudo de um homem, quando se diz que ele é um verdadeiro bandeirante. Levemos em conta essa ênfase bem latina e não nos espante essa promoção indireta e póstuma do bandeirante a colonizador.<sup>30</sup>

Falei um pouco acima de inoculação educacional. De fato, Monbeig refere-se ao comportamento de certos sujeitos como se tivessem incorporado os emblemas bandeirantes:

No curso de minhas viagens, muitas vezes encontrei moços, nascidos nas grandes cidades, antigos alunos de escolas de Medicina, de Agronomia, de Engenharia, em São Paulo ou no Rio de Janeiro, que viviam duramente, no meio de gente rude e bruta, e experimentavam evidente alegria na vida sertaneja. Nisso contava muito o lado esportivo. Mas também a sensação de criar, o sentimento de manter uma tradição e o orgulho de contribuir para engrandecer o seu país.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup>. *Idem, ibidem*, p.121.

<sup>30</sup>. *Idem, ibidem*, p.121.

<sup>31</sup>. *Idem, ibidem*, p.122.

É difícil levar a sério uma afirmativa deste tipo em nossos dias. Pode-se pensar que Monbeig era apenas um ingênuo e crédulo professor francês que se extasiava diante do comportamento construtivo dos nativos. Pode-se também acreditar que ele estava apenas constatando a eficácia psicológica do mito do bandeirante. Mas a tentação de ver aqui um simples recurso retórico é maior. Ou então, a simples presença de crenças anacrônicas:

Há nos brasileiros, mais freqüentemente nos de Minas Gerais e de São Paulo, uma espécie de instinto que os impele sempre para diante, para além da civilização.<sup>32</sup>

Inútil refutar esta bobagem. É claro que Monbeig estava encantado com os impulsos individuais, como manda o figurino da ideologia liberal. Como também é claro que não queria levar em consideração os fortes fatores de expulsão que levavam às migrações para as zonas pioneiras. Pensar em termos de traços psíquicos é mais vantajoso porque deste modo é possível ancorar os comportamentos presentes nas determinações mais profundas do passado. Por esta razão eu disse anteriormente que ele não rompe com as amarras estabelecidas pela visão tradicional do bandeirante. A ideologia liberal comparece aqui para reatualizar o mitema, mas, igualmente, para dar sentido aos fatos observados:

Desejo de solidão ou vocação de luta podem ser satisfeitos, porque vastos espaços estão à disposição de todos. Uma espécie de fascínio exerce sobre os espíritos a presença de terras desocupadas.<sup>33</sup>

Evidentemente, enquanto geógrafo experimentado, ele sabia que não podia reduzir o comportamento povoador às suas possíveis determinações psicológicas. Todo o seu trabalho rumava no sentido de demonstrar a presença de amplos espaços abertos que possibilitavam o desenvolvimento ampliado da economia mercantil no Brasil. Mesmo quando ele próprio parecia não se dar conta disso e deixava que a questão de partida chegasse às raias do caricatural. Sobre a abundância de terras ele disse:

---

<sup>32</sup>. *Idem, ibidem*, p.122.

<sup>33</sup>. *Idem, ibidem*, p.122.



Essa circunstância provoca o desinteresse: se as coisas não vão bem, se a terra se fadiga, se os preços descambam, simples é o remédio, pois que basta partir para mais longe.<sup>34</sup>

Não é fácil encontrar os motivos desta afirmativa. Ela dá claramente a entender que nada era mais tranqüilo, nos anos 30 e 40, do que arrumar uma fatia de terra. Até parece que a *Marcha para o Oeste* deu certo. Tornar-se fazendeiro: aspiração nacional. Monbeig, contudo, estava bem informado sobre os enormes grilos e os ratazânicos grileiros que tinham se apossado de centenas de milhares de alqueires pelo interior paulista e paranaense. Tampouco desconhecia os conflitos entre classes sociais pela apropriação dos recursos abertos nas zonas de fronteiras. Ele dedicou uns bons parágrafos a respeito daquele que, *na linguagem popular (...) é um fabricante, no mínimo, um falsificador de títulos de propriedade*. Observou que as condições ambientais favoreceram, em certos lugares, a resolução dos conflitos pela propriedade das terras, mas apresentaram graves empecilhos adicionais em outros. Em suas palavras:

Surgiu o problema da propriedade, em todos os países pioneiros. Não foi muito difícil resolvê-lo, onde a topografia plana e a vegetação de pradarias facilitava a aplicação de uma legislação rigorosa, apoiada numa magistratura e numa polícia soberanas. Outras dificuldades apresentava esse problema, numa região coberta de matas de penetração difícil e na qual nem os costumes políticos, nem a moral individual, sempre se inspiravam em considerações desinteressadas. (...) a colonização era uma questão de segundo plano, vindo antes o desejo de especular.<sup>35</sup>

Doutro lado, referindo-se aos grandes fazendeiros paulistas, que, em boa medida, eram os principais responsáveis pela abertura de frentes de colonização no interior, não fez por menos em sua caracterização ácida. Falando de pessoas que, com toda certeza, não lhes eram estranhas ao conviver, uma vez que podiam ser encontradas, vez-por-outra, nas redações dos jornais, a trocar favores, e nos ambientes mundanos freqüentados pelas elites intelectuais paulistanas dos anos 30 e 40, Monbeig retratou o supra-sumo das famílias notáveis da oligarquia paulista do seguinte modo:

---

<sup>34</sup>. *Idem, ibidem*, p.122.

<sup>35</sup>. *Idem, ibidem*, p.143.

Casamentos, camaradagem entre colegas de escola, relações de negócios apertavam os laços entre elas. Podiam surgir rivalidades políticas, ásperas, às vezes, porém concerniam mais à eleição deste ou daquele, que a divergências doutrinárias. Tinham todos os mesmos interesses profundos e estavam de acordo quanto às grandes linhas que a administração devia seguir. Até a década de 30, foram os grandes fazendeiros, de algum modo, os dirigentes de São Paulo. Confundia-se o interesse coletivo com o seu interesse de classe. Esse fato sociológico liga-se à geografia do movimento pioneiro. Os problemas de mão-de-obra e, conseqüentemente, o povoamento, os das vias de comunicação, os dos preços foram considerados e tratados acima de tudo, em função dos interesses dos fazendeiros. A marcha pioneira foi primeiramente assunto deles.<sup>36</sup>

Apesar destas caracterizações tão argutas, ao falar, no contexto específico de um comentário sobre a *psicologia bandeirante*, dos migrantes que se deslocavam para as zonas pioneiras ele pareceu esquecer todas as determinações estruturais e todas as ponderações que sabia serem fundamentais. Ir para mais longe:

Muitos o experimentaram; esqueciam-se os que se malograram, pensando-se só nos sucessos de que toda gente falava: o modelo invejado era o do "bandeirante de hoje", o grande homem de tal ou qual zona, celebrado pela imprensa local e que conquistou fortuna e prestígio político. Por que não nos ocorreriam esses golpes de sorte?<sup>37</sup>

O turbilhonamento social nas áreas de fronteiras, durante os anos 30 e 40, poderia facilmente sugerir a imagem de uma enorme roda-viva antropológica. Gente ganhando, gente perdendo, e o viver transformado em simples e banal aposta. Monbeig pode observar em minúcias as frentes de colonização abertas em Goiás, no Oeste paulista e no Norte do Paraná. E teve numerosas informações de tantas outras, como nas bordas amazônicas do Maranhão e no Norte do Espírito Santo. Além disso, orientou muitas pesquisas sobre zonas pioneiras, tendo a vantagem adicional de contar com informes de primeira mão dados por alguns de

---

<sup>36</sup>. *Idem, ibidem*, p.141.

<sup>37</sup>. *Idem, ibidem*, p.123.

seus alunos que tinham domicílios no interior paulista e paranaense. De tudo isso, ele derivou a conclusão de que naqueles espaços em regime de vertigem, mais do que quaisquer constrangimentos sistêmicos, atuavam, antes de tudo, as inclinações pessoais:

Esse gosto pelo jogo não é incompatível com a resignação fácil com o que é ou parece inevitável. Muitas vezes parte-se, porque parentes e vizinhos já partiram. Sem nem saber porque, segue-se o exemplo dado.<sup>38</sup>

Penso que declarações deste tipo são compreensíveis pelo fato de que as premissas teóricas da Geografia lablacheana não eram de modo algum incompatíveis com o primado liberal da responsabilidade individual. Eram, de fato, racionalizações acadêmicas de crenças bastante arraigadas. Partia-se do princípio de que todos possuíam um substrato emocional comum, e que apenas a cotidianidade funcionava como razão discriminadora. Tampouco a detecção de presumíveis traços psíquicos [talvez fosse melhor dizer comportamentais] coletivos poderia parecer incompatível com as premissas de um certo individualismo, se não metodológico, ao menos, ideológico. Do mesmo modo, sua propensão a generalizar modelos de atitudes coletivas não parecia soar-lhe em contradição com sua percepção muito clara dos mecanismos de dominação fundados no controle legal ou real do acesso à propriedade da terra. Assim, não teve freios ao comentar, um tanto de chofre, que *resignação, imitação, são mais próprias da gente humilde que dos fazendeiros*.<sup>39</sup>

Estereótipo à parte, a retomada do tema lobatiano (afinal, os anos de Monbeig em São Paulo, são os anos de fama do ícone popular do Jeca Tatú cunhado por Monteiro Lobato) não é radical, mas temperada com a visão de que todo um povo está submetido emocionalmente às pressões atávicas que marcam o drama específico de sua história:

Evitemos, porém, simplificar em excesso. Todos, fazendeiros, pequenos sitiantes, assalariados, estão sujeitos ao mesmo mecanismo psicológico, em que a força da tradição e a do exemplo, o gosto pela novidade e a

---

<sup>38</sup>. *Idem, ibidem*, p.123.

<sup>39</sup>. *Idem, ibidem*, p.123.

atração da sorte se combinavam e exerciam poderosa sedução sobre massas incrédulas e facilmente impressionáveis.<sup>40</sup>

Eis um estranho modo de subtração do real. Ali, onde forças de uma tradição de dominação e monopólio secular das terras atuavam como vetores determinantes das migrações, encontramos, na fala de Monbeig, o peso de uma tradição meramente psicológica, verdadeira camisa de força mental legada pelo passado. Lá, onde a seletividade estrutural das relações sociais implicava na fabricação de vencidos e vencedores, ele preferia apenas ver predisposições ao risco, fidelidades hereditárias e encantamentos:

Realizava o filho do imigrante, em uma geração, o que a família paulista fizera em três etapas. Para ele, tratava-se também de prosseguir uma tradição, a dos pais que vieram arriscar a sorte, e era dentro desse espírito que ele continuava. A bem dizer, sofriam todos a magia dos grandes espaços livres e experimentavam todos a ardente convicção de que a fortuna lá os esperava.<sup>41</sup>

### **Um trato *sorreliano* do mito com finalidades liberais?**

Procurei dar acima uma breve panorâmica das referências de Pierre Monbeig àquilo que ele chamou de *psicologia bandeirante*. Volto a apontar o fato de que ele entendeu aquela personagem como um mito, um tipo de herói exemplar que, incrustado nos corações e mentes dos brasileiros, motiva-os a peregrinar mato-a-dentro devastando selvagerias para semear civilizações. Pensou-o, também, como o correspondente brasileiro de outros mitos que, da mesma forma, empolgam as condutas desbravadoras noutras regiões:

Em todos os países novos, do norte ao sul do continente americano, observa-se a sedução das terras novas e a paixão pelo ganho rápido do dinheiro. Apelo do Grande Norte ao Canadá, marcha para oeste, ainda não há muito tempo, nos Estados Unidos, desbravamento do sertão paulista, não passam de variações de um grande tema continental. Ali o

---

<sup>40</sup>. *Idem, ibidem*, p.123.

<sup>41</sup>. *Idem, ibidem*, p.123.

colono moderno se põe a serviço do caçador; acolá se converte em herdeiro do **pioneer**; em São Paulo é o continuador do bandeirante.<sup>42</sup>

Esta maneira de conceber a construção e a eficácia dos mitos de maneira tão afirmativa pode parecer, em nossos dias, uma verdadeira aposta na mistificação. Afinal, estamos hoje inteiramente voltados para o exame meticoloso das falsas unificações que as memórias dominantes nos legaram. Cada vez mais adotamos uma epistemologia que tem como ponto de partida a suspeita absoluta. Por isso, a resignação de Monbeig não deixa de irritar. Todavia, inserido no aroma cultural de seu tempo, o texto torna-se plenamente compreensível. E estimula algumas conjecturas finais. Seu entendimento de mito tem algo de muito próximo às formulações de Georges Sorel. Trata-se de um conjunto de idéias-força, de bandeiras mobilizadoras das vontades e animadoras dos projetos e das lutas coletivas.<sup>43</sup> Mas tem alguma coisa de inusitadamente antecipador, ao sugerir, aqui e ali (mas sem muita firmeza), que as narrativas históricas, para além do verdadeiro ou do falso, do provável ou do plausível, podem ser, antes de mais nada, as grandes ficções políticas e etnológicas das sociedades capitalistas contemporâneas.

Certo, o professor francês não se deu ao trabalho de fazer aquilo que costumamos chamar de crítica das fontes. Em vários sentidos ele acatou os termos verbais do discurso colonizador estadonovista como se expressassem algo mais do que pura retórica destinada a justificar a territorialização completa do Estado e do capitalismo no Brasil. Assumiu a narrativa dos feitos bandeirantes feita pelos funcionários intelectuais do regime e pelos publicitários das empresas de colonização como se fossem consensuais. Em particular, superestimou a escolarização dos nativos e sua capacidade de fixar a epopéia bandeirante. Neste particular, tudo leva a crer que ele viu com simpatia aquela idéia de uma *democracia sentimental*, onde *uma imagem vale cem vezes mais do que um argumento*, como dizia Cassiano Ricardo. É bem verdade que ele não faz referência ao trabalho do poeta. Mas usa o ícone bandeirante num registro bastante próximo.

Essa concepção instrumental e positiva do passado, onde fabrica-se ou reitera-se heróis nacionais capazes de condensar a moral da história,

---

<sup>42</sup>. *Idem, ibidem*, p.124.

<sup>43</sup>. Cf., SOREL, Georges. **Reflexões Sobre a Violência**. Tradução de Paulo Neves. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

não faz, necessariamente, de Pierre Monbeig um aliado dos projetos autoritários vigentes naquele momento. Em parte alguma de seu texto vamos encontrar, por exemplo, qualquer coisa que cheire a enaltecimento do Estado ou das lideranças políticas totalitárias. Pelo contrário: ele retém apenas os aspectos do mitema bandeirante que favorecem a armadura do discurso liberal. Trata-se de valorizá-lo pelo que pode ajudar na explicação dos comportamentos empreendedores privados, na confirmação empírica do primado da livre-iniciativa:

Lançar-se na abertura de uma fazenda nova, equivalia a arriscar a sorte, liquidar um negócio proveitoso, porém obscuro, para empreender outro novo, contando com o valor da terra e com as probabilidades do mercado, correspondia a uma audaz especulação.<sup>44</sup>

Além disso, em momento algum refere-se ao Estado como agente privilegiado dos processos de interiorização. Certo: as áreas que ele estudou eram organizadas por companhias particulares, notadamente aquelas criadas por seus hóspedes. Mas era impossível desconhecer a retórica expansionista que o Estado Novo divulgou naqueles tempos. Por isso, penso que Pierre Monbeig, mesmo conservando muitos aspectos do bandeirante varguista, operou uma reconstrução liberal daquele mitema. Tal como os historiadores quatrocentescos da República Velha, ele fez de São Paulo mais do que um espaço geograficamente demarcado de onde irradiou-se a saga bandeirante. São Paulo afigura-se na sua obra como um território de catalização de um projeto de Brasil, projeto no qual não há muito espaço para proselitismos autoritários. Dali partem os vetores de construção de uma economia vitalizada. Não foi por simples ato retórico ou por mero agradecimento pela atenção dispensada que Monbeig encerrou sua obra da seguinte maneira:

Por demais incerto é o futuro para que se arrisquem prognósticos. É preferível cingir-se ao presente. Atraindo brasileiros do sul, do centro e do nordeste, imigrantes de toda a Europa e do Japão, acumulou e aliou a franja pioneira energia preciosa, numa já sólida unidade...Nisto reside a grande riqueza, com que a franja pioneira paulista presenteou a coletividade brasileira.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup>. *Idem, ibidem*, p.123.

<sup>45</sup>. *Idem, ibidem*, p.392.

### Observações finais: sobre uma crítica a meu ver incompleta e injusta

Estudando as conjunções entre perspectivas epistemológicas e posicionamentos políticos nas obras de Pierre Monbeig escritas durante seu período brasileiro, Silvio Carlos Bray nelas detectou a presença de vieses positivistas que sustentariam a presumível cientificidade de suas afirmações de cunho liberal. Segundo ele, uma vez que expressava as crenças políticas e os projetos cognitivos que animavam Vidal de la Blanche e seus seguidores, Monbeig, *ilustre e competente representante* da escola francesa no Brasil, deve ser visto como alguém que

Incorporou o positivismo como método, o liberalismo político como doutrina, e a abordagem sistêmico-organicista como prática; predominando a teoria do equilíbrio entre o homem-natureza e dos homens entre si, através da geografia da solidariedade. (...) A solidariedade é um princípio do liberalismo político e uma contraposição ao evolucionismo competitivo concorrencial de base darwinista-ratzeliana. Nos estudos dos gêneros de vida e nas análises de tendências funcionalistas da geografia francesa, a solidariedade é um princípio fundamental.<sup>46</sup>

Entendendo positivismo de forma bastante livre, de maneira a caracterizar praticamente todo tipo de projeto de conhecimento que se pretenda vinculado à interesses técnicos, Bray observou que o desejo de neutralidade e a adesão à um modelo de cariz organicista seriam os principais traços definidores daquela conjunção. Segundo ele,

O liberalismo político apóia-se no modelo orgânico, onde a diversidade dos elementos que compõem o sistema organicista, mesmo sendo diferenciados e exercendo funções diferentes, constituem uma unidade orgânica. (...) Os ideais da democracia burguesa e do liberalismo político inspiraram o positivismo nas primeiras décadas do século XIX, através da nova ordem orgânica-social e sistêmica-organicista. No pensamento liberal-político e positivista, as idéias políticas e os interesses das classes sociais podem ser os mais diferenciados sem contudo alterar o sistema, que se encontra regido por uma Constituição burguesa.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup>. BRAY, Silvio Carlos. O pensamento e o método na obra de Pierre Monbeig - análise dos trabalhos publicados no Brasil nas décadas de 30 e 40. **Revista de Geografia**. São Paulo: (2), 1983, p.84

<sup>47</sup>. *Idem, ibidem*, p.85.

Ele estabeleceu uma oposição histórica entre os projetos liberais políticos, que animariam as teses lablachianas dos geógrafos regionais franceses e as concepções econômicas liberais. Estas, valorizando a *teoria de conflito e a concorrência entre os elementos do sistema* contrapor-se-iam ao modelo de equilíbrio do liberalismo político. Mais especificadamente, a idéia de liberalismo econômico

encontra sua justificativa na competição, onde os mais fracos perdem sempre para os mais fortes. Só através da livre concorrência e da competição é que teremos progresso e desenvolvimento. Por trás dessa teoria de conflito do capitalismo concorrencial, temos o domínio imperialista e os interesses dos grandes grupos econômicos.<sup>48</sup>

A oposição entre os dois viéses liberais seria, de acordo com Silvio Carlos Bray, uma constante na história contemporânea das idéias e práticas geográficas. As posições de Monbeig ao defender uma geografia neutra, técnica e capaz de aconselhar governantes sem se comprometer com as coisas mundanas da vida política aparecem-lhe, assim, perfeitamente enquadráveis no macro-espço doutrinário que envolvia os professores franceses que vieram ajudar a instituir a geografia de ofício no Brasil. Mais: partindo de uma perspectiva essencialista, que deduz mecanicamente as ações possíveis dos modelos de comportamento previstos pelas ideologias vigentes, ele derivou conseqüências políticas inevitáveis dos proferimentos monbeigianos. Uma delas seria o enlaçamento com os projetos de dominação conduzidos pelo Estado capitalista:

A tradição da geografia clássica, em ver a geografia como ciência neutra, faz parte da tradição positivista que absorveu o estado burguês e a nova ordem social, como fundamentos não questionáveis. Na essência do pensamento positivista, as ciências existem para justificar o novo estado e para exercerem o papel de prestadoras de serviços à nova ordem social estabelecida pela burguesia no poder.<sup>49</sup>

Naquele quadro, embora resistisse ao atrelamento incondicional dos geógrafos ao Estado, Monbeig não fugia - quando seus estudos são vistos em termos amplos - aos constrangimentos ocasionados pela ideologia *liberal-política*. Visando ser uma técnica de conhecimento e apoio à intervenção estatal sobre a realidade sócio-espacial, sua

---

<sup>48</sup>. *Idem, ibidem*, p.85.

<sup>49</sup>. *Idem, ibidem*, p.85.



geografia, na opinião de Bray, terminava por legitimar a modalidade existente de autoridade do Poder Público.

É bastante provável que o autor das observações acima tenha mudado ou, pelo menos, aprofundado suas idéias nos anos mais recentes. Do jeito que foram expostas nos trechos que reproduzi acima elas careciam de uma atenção mais apurada no que se refere às múltiplas mediações entre as ideologias formalizadas e as práticas. E sucumbiam à um automatismo reducionista que chega a irritar pela sua capacidade de hiper-simplificar dimensões tão complexas como aquelas que envolvem as interfaces entre os campos científicos e as demais instâncias da vida social. É bem verdade que quando ele escreveu seu breve estudo sobre os trabalhos de Pierre Monbeig, vivia-se uma época particularmente delicada na história da geografia brasileira. Alguns pesquisadores estavam começando a discutir as possibilidades de uma análise histórico-sociológica das formas de conhecimento presentes em seu campo, mas ainda não tinham aperfeiçoado bons instrumentos conceptuais para isso. Tendiam, portanto, a estabelecer relações mecânicas para caracterizar situações onde o que mais existiam eram enlaçamentos meândricos e fugidios. Neste sentido, o que procurei delimitar como uma postura de cunho liberal presente nos proferimentos fáticos de Pierre Monbeig difere sobremaneira das deduções de Silvio Carlos Bray. Minha opção foi partir de uma conceituação relacional e puramente operacionalizante de procedimento liberal: um quadro de idéias que se opunha à extrema valorização do Estado Novo por uma significativa e influente plêiade de intelectuais brasileiros nos anos 30 e 40. Mais do que buscar a determinação conceptual do sentido político e ideológico dos textos do professor francês produzidos no Brasil, interessou-me tomá-los como indícios indiretos de um clima de produção de significados. Isto é; as lutas pela apropriação da figura do bandeirante por diferentes frações das elites, setores com os quais ele conviveu de muito perto em todos os seus anos de experiência brasileira.

### ABSTRACT

The article discusses how the french geographer Pierre Monbeig elaborated the theme of *bandeirante psychology* as a fundamental feature in the zones of colonization of São Paulo and Paraná during the 30' and the 40'. In that context, when Estado Novo's intellectuals were also using the image of the *bandeirante* to create a link with the past and justify the government migratory and land policies, Monbeig redefined that traditional figure in anti-authoritarian and individualistic terms.

**Key-words:** Pierre Monbeig; Human Geography; Bandeirantes; Colonization; Pioneers; Mentalities.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Bertha K. & EGLER, Claudio A.G.. **Brasil: Uma Nova Potência Regional na Economia-Mundo**. Rio: Editora Bertrand Brasil, 1993
- BLONDEL, Charles. **Introdução à Psicologia Coletiva**. Tradução de Frederico Lourenço Gomes. Rio: Editora Fundo de Cultura, 1960.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio: Editora Marco Zero, 1983.
- BRAY, Silvio Carlos. O pensamento e o método na obra de Pierre Monbeig - análise dos trabalhos publicados no Brasil nas décadas de 30 e 40. **Revista de Geografia**. São Paulo: (2), 1983, p.
- CLAVAL, Paul. *A geografia e a percepção do espaço*. **Revista Brasileira de Geografia**. 45(2), abril-junho de 1983, p.
- CLAVAL, Paul. **Evolución de la Geografía Humana**. Tradução de Alexandre Ferrer. Barcelona: Editorial Oikos-Tau, 1974.
- CLOKE, Paul, PHILO, Chris & SADLER, David. **Approaching Human Geography: An Introduction to Contemporary Theoretical Debates**. Londres: Paul Chapman Publishing, 1991
- DUVIGNAUD, Jean: *Prefácio* in HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990, p.9-17
- ESTERCI, Neide. **O Mito da Democracia no País das Bandeiras**. Dissertação de Mestrado. Rio: UFRJ-Museu Nacional/PPGAS, 1972
- GEORGE, Pierre. **Sociologie et Géographie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.

- GOES FILHO, Synesio Sampaio. *Navegantes, bandeirantes*. **Humanidades**. Brasília: 2(7), abril-junho de 1984, p.115-139.
- LACOSTE, Yves. *Braudel geógrafo* in \_\_\_\_\_ (coord): **Ler Braudel**. Tradução de Beatriz Sidou. Campinas: Editora Papirus, 1989, p.175-220.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira - História e Histórias**. São Paulo: Editora Ática, 1982.
- LENHARO, Alcir. *Estado Novo, Estado Velho - novas direções historiográficas*. **Anais do Museu Paulista**, Tomo XXXV, 1986-1987, p.7-14
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Editora Papirus/Editora da UNICAMP, 1986
- MONBEIG, Pierre. *Algumas notas de geografia humana*. **Boletim Geográfico**, 8(85), abril de 1950
- MONBEIG, Pierre. *Estudos geográficos*. **Boletim Geográfico**, 1(11), fevereiro de 1944
- MONBEIG, Pierre. *Os modos de pensar na geografia humana* in \_\_\_\_\_: **Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1957, p.29-30.
- MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. Tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Polis, 1984
- MOOG, Clodomir Vianna. **Bandeirantes e Pioneiros: Paralelo Entre Duas Culturas**. 12ª edição. Rio: Editora Civilização Brasileira, 1978.
- MORSE, Richard M. (ed). **The Bandeirantes - The Historical Role of the Brazilian Pathfinders**. Nova York: Alfred Knopf-Borzoi Books, 1965.
- ORTIZ, Renato. *A procura de uma sociologia da prática* in \_\_\_\_\_ (org): **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1983, p.7-29 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- QUAINI, Massimo. **A Construção da Geografia Humana**. Tradução de Liliana Langaná Fernandes. Rio: Editora Paz e Terra, 1983
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Pierre Monbeig e a pesquisa geográfica no Brasil: atualidade de sua contribuição*. **Ciência & Cultura**. Rio: 40(12), dezembro de 1988, p.1180-1185
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário*. **Revista USP**, (13), março-maio de 1992, p.78-87.
- RICARDO, Cassiano. **Marcha para Oeste: A Influência da Bandeira na Formação Social e Política do Brasil**. Rio: Livraria José Olympio Editora, 1940.

- RICARDO, Cassiano. *O Estado Novo e o seu sentido bandeirante*, **Ciência Política**,1(1), março de 1941
- RICARDO, Cassiano. **Pequeno Ensaio de Bandeirologia**. Rio: MEC, 1956 (Col. Cadernos de Cultura).
- SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo: Editora Hucitec/EDUSP, 1978
- SOREL, Georges. **Reflexões Sobre a Violência**. Tradução de Paulo Neves. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.
- VELHO, Otavio Guilherme. **Capitalismo Autoritário e Campesinato: Um Estudo Comparativo a Partir da Fronteira em Movimento**. São Paulo: DIFEL, 1976.
- ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil Para Crianças**. São Paulo: Editora Global, 1985.